
UMA CARTA DE SERGE LECLAIRE A JACQUES LACAN

Paris, 15 de março de 1977

Meu caro Lacan,

Quase trinta anos^{nt1} tecem nosso encontro; para mim, como uma trama maior, para você, sem dúvida, alguns motivos de luz e sombra. 1949, 1953 depois 1959, 1963, são as cifras onde as letras^{nt2} "restarão", por hora, fora de publicações históricas que o presente incerto interroga.

É um certo ponto de nossa história que gostaria de hoje questionar. Quando em 1953 eu me ocupava, juntamente com alguns outros, em recolher adesão à SFP¹ nascente, que fazia eu além do que proclamar que havia um analista e que eu estava entre os que o haviam reconhecido?

Sob o céu romano – para quem viu outros – um Deus da Índia emprestava sua voz: "Vocês me ouviram?", que se repercutia em eco. A um "quem sou EU?", que eu demarcava em outras palavras divinas para inscrevê-las sobre o pórtico do lugar analítico, um "tu és um analista"² lhe veio em resposta. Depois, isso não parou de lhe retornar.

Os temas e as variações sobre o ser-analista foram a princípio cantados a **capella**, em música polifônica de um renascimento de vozes ambíguas; em *Royaumon⁸*, já era a pequena orquestra sinfônica, e em *Bonneva⁸* foi apresentado o concerto para dois "L", que marcaram o tempo. Eu acompanhei no campo musical da escola normal, o antecedi na cacofonia *Vincennoise*, e dois anos antes, festejado, sob a égide de Goethe, seu quinquagésimo-terceiro

aniversário. O conjunto de percussões não era suficiente para escandalizar o formidável coro monótono que tanto o satisfaz: eu, tu, ela, nós, vós, eles, somo, sois, são analistas!

Impossível!

Você descia do tablado: na maior diagonal do auditório (mais de cem metros!) nossos olhares se cruzaram e você me chamou com um grito de javali em marcha pela floresta. Eu descí para abraçá-lo, reconhecendo ter certeza naquele momento que há pelo menos um, Lacan, que não se toma por Lacan. Depois se tratou dos horários dos trens, como para dizer que, provavelmente, cada um iria repartir sob seus trilhos.

Se eu estilizo assim a história do nosso encontro, é que o ser-analista do qual você me homenageia ("tu és um analista"), e cuja vaidade você hoje só pode fazer aparecer, nem por isso deixa de estar preso na aberração de um fantasma de origem. Está claro que a fundação e edificação repetida sem cessar de "casas analíticas" testemunham que os ditos analistas não conseguiram se desprender da fascinação de uma cena primeva. Como se de um lugar místico – onde Freud sonhou que se colocaria uma placa comemorativa – tivesse saído o "nós outros analistas" como se diz, mutantes já imobilizados por uma "consciência" de classe, se não for antes de raça. Confrontados ao histórico, o discurso analítico nascente não pára de encorpar e como corpo de

ser enganado pelo poder. No lugar da morte, que todo poder consiste em administrar, é a castração, o saber, e até a "verdade" que o analítico se põe a manipular. E com toda boa intenção! Não convém antes assegurar a conservação da espécie (e ela prolifera!), preservar a pureza da doutrina, se não da raça?

Como não ser cúmplice de tamanho crime somente ao se dizer analista?

Há sete anos, já minha filha Odile não se enganava a respeito: interrogada na escola sobre a minha razão social, ela respondeu simplesmente que eu era pintor de paredes. Certamente ela "não sabia" que era o ofício sobre do qual se dizia ser o de alguém que se tornou um *Führer*: mas com isso mostrava que ser analista não era confessável; o que lhe ocorreu para ocultá-lo é que era eloquente.

Odile com sua voz grave, levemente empostada, "você me escutou?" trovejava *Prajapâti*. Não era necessário uma voz de trovão, nem da sonoridade milenar do teatro dos Deuses para se poder ouvir. Certamente que essa voz foi ouvida; certamente também que o *malentendido* prosperou: é "natural"! Mas o que há de mais idiota, hoje, que esses cenáculos onde o ser-Lacanianos tem o lugar de escuta?

Nenhum lugar é ainda permitido para que o escutado tenha o *droit de cité*, nenhum lugar onde seu grito do coração: "bando de idiotas", seja escutado; senão mais tarde. No melhor dos casos, o odioso se diz, já mais fiel à esperança que esse grito declara.

Hoje você agarra de mãos cheias cordas e tripas para com elas organizar os nós com outros fins que não o engasgamento das vozes. É perturbador lhe perceber tentando dar língua às tripas, corpo às palavras, atrelado em

ainda produzir a psicanálise. Mas, ao invés do percebido, é o *malentendido* que reina: desde então que o ódio suscitado por seu grito não pode ser percebido em verdade, ele é tomado unicamente na ordem do poder; lá, pelo menos, com o tu odeias, ou matar, se está em terra conhecida.

Resta o "tu és ..."

Não é porque o corpo dos analistas esfomeados e ainda ausentes de qualquer lugar não cessa de se sustentar do corpo vivo de Lacan que ele já engoliu.

Muito bem; um abraço.

S.L.

Tradução: Cláudia Fernandes,
em Porto Alegre, R.G.Sul

^{nt1} A tradução literal: "quase seis lustres", lustrum do latim quer dizer: cerimônia purificadora celebrada de 5 em 5 anos.

^{nt2} também, "onde as cartas ficaram".

¹ Sociedade Francesa de Psicanálise.

² Atos do Congresso de Roma (1953), em *La psychanalyse* (julho, 1958), Puf, 1956, n 1, p. 233, 253

³ Colóquio Internacional de Royaumont, organizado pela Sociedade Francesa de Psicanálise (julho, 1958), em *La Psychanalyse*, 1961, n6.

⁴ Sexto Colóquio de Bonneval (sob a direção de H. Ey) "O inconsciente: um estudo psicanalítico", por J. Laplanche e S. Leclaire, em *L'inconscient*, ed. Desclée de Brouwers, 1966, p. 95-130.